



Dia Mundial da Água: “O que é Água para nós”?

Auditório do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo

29 de março de 2019

Convidados:

Davi Kopenawa, líder Yanomami
Lafayette Sobrido, advogado, Ação Rio Doce
Marcelo Cardoso, Abraça Guarapiranga
Sinésio Felix, Psicólogo, memórias do sertão baiano

Coordenação: Jonas Eduardo Tavares de Souza

Núcleo de Emergências e Desastres do CRP SP

Jonas: Boa noite a todos e a todas. Nós vamos dar início hoje à mesa de conversas em comemoração ao Dia Mundial da Água: “O que é Água para Nós”? O Dia Mundial da Água foi semana passada, dia 22 de abril, mas é um mês de comemoração e reflexão sobre a Água. Esse é o intuito da mesa de conversas, hoje aqui. O CRP, o Conselho Regional de Psicologia, ele tem como fundamento orientar, disciplinar e orientar o exercício da profissão. E para fazer isso, criamos alguns núcleos, principalmente para orientar o próprio CRP para poder colaborar com a sociedade e orientar o exercício da profissão junto à sociedade. O intuito desse encontro hoje, em nome do Núcleo de Emergências e Desastres, que é um desses núcleos que ajuda o CRP a se aproximar de questões pertinentes, que envolvem pessoas, ou não pessoas, também, não é? Mas que envolve o exercício da Psicologia. O intuito é a gente subsidiar o CRP para o seu exercício e essas discussões em que ele se envolve.

O tema de hoje, “Água”, é um tema que faz parte do Núcleo de Emergência e Desastres (NED) desde 2014, quando São Paulo passou pela crise de abastecimento. Na verdade, antes da crise de abastecimento a “Água” já fazia parte do NED quando o assunto estava relacionado com enchentes e deslizamentos, mas esse Núcleo é de 2013, ele é bem recente. Em 2014/2015 essa pauta entrou no NED dado ao risco e importância que esse assunto ganhou em São Paulo. Então nossa primeira introdução, assunto sobre água especificamente, a sua escassez e a sua poluição foi em 2014/2015. E naquela época a



gente se aproximou de um movimento aqui em São Paulo chamado Aliança pela Água. Que foi uma frente da sociedade civil para tentar participar do debate para dialogar com as instâncias e os governos para tentar fazer alguma proposta, e foi nessa época que o CRP se aproximou desse movimento. Isso foi em 2014 e 2015. Em 2015 fizemos uma reunião aqui trazendo esse assunto para orientar os psicólogos, fazendo uma discussão para o exercício da profissão. E o tema dessa primeira reunião aberta do Núcleo (sobre esse tema) foi: “Falta de água como calamidade pública: o que a Psicologia tem a ver com isso”?

Então, estávamos construindo como a Psicologia poderia se aproximar desse tema ambiental relacionado à água. A entrada que a gente encontrou foi como calamidade pública em emergências e desastres. A cidade de Itu chegou a ficar sem água, instaurou-se uma situação muito complicada na cidade e, aqui em São Paulo, o reservatório do Cantareira só não ficou com a água zerada porque voltou a chover no início de 2015. Agora imagina São Paulo sem água no seu maior reservatório. Então foi assim que a gente se aproximou desse tema. Estava relacionado com pessoas afetadas fisicamente e psicologicamente, e a gente se aproximou desse tema pela água como um direito fundamental humano, de acesso à água em quantidade e qualidade, e também ao saneamento básico.

Outro assunto que vimos pertinência de se aproximar é que nos momentos de crise, evidenciam-se as vulnerabilidades sociais. Então, essa foi a primeira aproximação que o CRP fez a esse tema, “Água”, isso em 2015. Em 2016 e 2017 a gente tentou continuar acompanhando as discussões sobre água, só que a gente se distanciou um pouco e voltou a se aproximar desse tema em 2018, quando em Brasília teve o Fórum Mundial da Água (FMA) e o Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA), que seriam, inclusive, dois eventos para sabermos quais seriam as propostas que deram certo, ou seja, uma boa data para avaliar a crise de abastecimento de São Paulo depois de quatro anos. Mas o que a gente viu nesses dois fóruns foi uma distância muito grande entre o FMA e FAMA. Esses foram os dois fóruns que aconteceram ao mesmo tempo no mês de março de 2018. São movimentos que há anos acontecem na mesma sede e época,



mas não existe diálogo, não ocorre uma comunicação. E isso chamou a nossa atenção: como é possível dois eventos sobre água não se comunicarem. E o que a gente percebeu, isso faz parte de uma pesquisa, é que apesar de falarem sobre água, eles falam sobre versões diferentes de água, e mais do que isso, essa diferenciação, essa maneira de lidar com a água, por exemplo, o que é água no sentido público para um é diferente no sentido público para o outro. Quando você fala em meio ambiente também é diferente. Ou quando se fala de água no sentido privado, como mercadoria, apesar de estar usando os mesmos nomes, as mesmas palavras, os sentidos, a compreensão é diferente. Isso a gente entendeu como uma verdadeira barreira na comunicação, e mais do que isso, além de formar uma barreira, existe uma imposição de uma versão que tenta se colocar como hegemônica. Então, diante desse cenário que a gente viu no ano passado, a gente pensou em fazer este evento. Justamente como uma tentativa de uma resposta para esses dois eventos que a gente viu tão distantes e separados. E o caminho que a gente encontrou é falar sobre versões de água. Porque, quando se fala de água na periferia de São Paulo, apesar da gente estar falando de água, é um pouco diferente ou muito diferente, de quando se fala de água no interior, no meio rural de algum estado do Brasil. A trovoadas que se escuta na periferia de São Paulo, que anuncia água para algumas pessoas, pode trazer uma sensação de medo, de insegurança, enquanto em algum lugar no interior do Brasil, no meio rural, é chegada de água para a lavoura, para a vida, não é? E apesar de parecer muito sutil isso, essas compreensões chegam às políticas, como se faz políticas, que elas se tornam leis e alteram as realidades das pessoas.

O mundo da economia, quando as pessoas discutem sobre economia e dizem que a economia precisa melhorar, existem versões de economia. O Delfim Neto dizia que primeiro o bolo precisava crescer para depois ser distribuído. Ele está falando de economia. Enquanto o Lula dizia: “Olha, talvez para o bolo crescer a gente precisa distribuir primeiro para depois crescer”. Então no meio dessa discussão existem embates, versões que podem emperrar uma discussão, ou podem colocar uma versão sobre outra. A idéia deste evento, respondendo a essa pergunta: “O que é Água para nós”?, é subsidiar a categoria de psicóloga(o)s para que a gente repense de que lugar nós estamos conversando sobre Água, e ainda, quem somos “nós”? Porque muitos



“nós” são excluídos da discussão, são marginalizados. Muitas versões de Água passam a largo das discussões sobre políticas no que tangem sobre água. Então, a idéia hoje aqui é de conversar sobre versões distintas de Água. E repensar que tipo de política poderíamos construir para o futuro. A proposta é essa: escutarmos versões de Água para subsidiarmos a categoria de psicóloga(o)s para não sairmos falando sobre água de um ponto de vista apenas urbano, não é? Para a gente pensar que existem outras versões que precisam ser incluídas. É urgente a inclusão de outras versões para alguns problemas urbanos.

Eu vou ler o nome dos convidados e a formação.

Marcelo Cardoso: Formado em Direito, especializado em Direito Ambiental, Gestão Ambiental e *master* em Ciências Políticas pela Universidade *Complutense* de Madri. Mais de 20 anos de experiência no terceiro setor e na área socioambiental nos temas recursos hídricos, saneamento, mudanças climáticas e assentamentos irregulares.

Davi Kopenawa: Xamã e porta-voz dos índios *Yanomami* do Brasil, ele nasceu em 1956, em uma comunidade isolada do norte amazônico. Sua família foi morta por uma violenta epidemia de rubéola quando ele tinha 11 anos. Vinte anos mais tarde, milhares de garimpeiros em busca de ouro invadiram o território *Yanomami* e desta vez é todo o povo *Yanomami* que está ameaçado de extinção. Para impedir a tragédia anunciada, Davi se engajou em uma luta ao redor do mundo, reconhecido como um dos maiores defensores da Amazônia e de seus primeiros habitantes. Em 1988, Davi recebeu o *Global 500 Award* das Nações Unidas e em 1989 o *Right Livelihood Award*, considerado o prêmio Nobel alternativo. Foi condecorado em 1999 com a Ordem do Rio Branco pelo Presidente da República brasileiro e em 2008 recebeu uma menção honrosa especial do prestigiado Prêmio *Bartolomé de Las Casas*, outorgado pelo governo espanhol por sua luta em defesa dos direitos dos povos autóctones das Américas.

Sinézio Félix Fiho: psicólogo terapeuta com abordagem neo-reichana e psicólogo clínico.



Lafayette Garcia Novaes Sobrinho: Mestre e Especialista em Direito Agroambiental, Especialista em Inteligência de Estado e Inteligência de Segurança Pública e advogado do primeiro pedido de reconhecimento judicial de um rio como sujeito de direito (ação do Rio Doce). Foi procurador do Estado do Mato Grosso e professor de Direito Ambiental da Faculdade de Direito da UFMT.

Jonas: A gente poderia pedir para que as outras pessoas se apresentassem também. O que vocês acham?

Ricardo Pereira: Oi, boa noite. Eu sou Ricardo Pereira, eu na verdade sou colega do Jonas. E eu fiz o contato entre o Jonas e o Davi, porque eu tive um filho meu que também foi amigo do Jonas e trabalhou muitos anos com o Davi. Infelizmente ele faleceu, mas graças a Deus, nós não perdemos o contato com o Davi. Toda vez que ele vem para São Paulo, ele passa na minha casa.

Edir: Boa noite, meu nome é Edir. Sou membro colaborador da sub-sede ABC, razão pela qual vou explicar e pedir desculpas, porque eu moro no interior, em Santo André, né? Só existe litoral e capital. O resto é interior. E devo me ausentar antes, como de costume, do termino das discussões. Eu ia avisar depois, mas aviso agora.

Andréa Duarte: Oi, boa noite. Eu sou Andréia Duarte. Eu sou atriz. Trabalho há vinte anos com a questão indígena. Já morei na Amazônia. Já morei no parque indígena do Xingu e sou uma grande admiradora do Davi e amiga, e vim aqui para escutá-lo e agora escutar todos vocês.

Maria de Lurdes: Boa noite. Eu sou Maria de Lurdes, amiga do Davi há muito tempo... do Jonas também. E acho que hoje teremos também uma grande oportunidade de conhecer muitas coisas que ele também vai estar trazendo da natureza, que é muito importante para todos nós.

Jonas: Pois então. A pergunta provocadora dessa roda de conversa... eu sugiro começar dando a palavra para as pessoas que vieram de mais longe. Pode ser assim? Vai se aproximando de São Paulo... Então, a pergunta provocadora é: Davi, o que é Água para o povo *Yanomami*?

Davi *Kopenawa*: Para povo *Yanomami*, é água fundamental para todos povos do planeta. Água é vida. Água que sustenta nosso corpo. Fica vivo. Certo? Continua falando?

Jonas.: Sim. Você tem aproximadamente 20 minutos para falar.

Davi: Tá bom. Então vamos mergulhar. Eu, vocês, vamos mergulhar para conhecer a grande alma do Rio. A gente conhece ele por cima, mas tem que mergulhar para conhecer lá no fundo. Onde, onde Omama... Omama colocou autonomia da água, que sai vários canais. É como sangue. É como nós temos na veia. Então, eu, eu Davi, *Yanomami*, e outros colegas, que cheira *yacoana*. Cheira *yacoana*¹ para conhecer, como, como conhecer água. Como foi colocado por Omama de baixo da terra. E assim, como meu povo *Yanomami*, os pajés, principalmente os pajés, que aprendeu... aprendeu a olhar. Água é muito importante para todo mundo. Não é só pouco não. Omama colocou, primeiro,... colocaram uma pedra... gigante pedra, as montanhas... montanhas e as pedras... Omama colocou. É tipo cano. Sim. Não é cano de plástico não. É cano... é buraco de pedra, que Omama colocou para água sair, subir nas montanhas e descer. Para... água sair no igarapé, do outro lado, essa água vem de baixo da terra, então, o pajé *Yanomami* cheira *Yacoana* para conhecer como é que é. Como ele é feito. *Otaqui* ... tão grande. A gigante, as *pedra bem feito* (sic), que a natureza colocou primeiro... e colocaram as pedra bonito. Não tem nenhum enferrujado. Não tem nenhum sujo. Então que eles colocaram assim. Assim nós descobrimos, atrás de cheiro de *yacoana*. Então, é água uma *upa*.... Não é só aqui que tem no Brasil não. Mundo geral tem água. Então, vocês demoraram muito para estudar e descobrir. Agora água está *sujo*. Vocês demoraram muito. Eu acho que vocês não nasceu ainda. Vocês não pensaram ainda como, vocês proteger água que está debaixo da terra. E esse morrão de dinheiro para

¹ Pó parecido a rapé usado para ser aspirado em rituais xamânicos

destruir. Os *morróti* é destruir, é destruidor da terra, da floresta... que vieram homem que já estava destruindo no outro lugar. Assim como fala logo: Estados Unidos. Estados Unidos já está destruindo. Então de lá que já vinha andando para destruir água do Brasil.

Eu assisti o... eu sonhei,... descobri... aonde, onde *Omama* colocou, abaixo da terra, grande montanha, todas as montanhas que estão na fronteira... Ali é a água, é a fonte da água. Onde não tem montanha, também tem a água. Acho que 20 ... acho que 10, 20 metros de fundura. Todo lugar tem a água, onde passa *garapé*, ali é fonte. Eu achei que, eu aprendi... Então, o povo Yanom,..*Omama* criou nós. E a primeiro filho de *Omama*, o filho de *Omama* estava, assim, trabalhando no roçado, ... um primeiro *criança*, do filho de *Omama* que precisou tomar água... não tinha nada água. A água *tava* embaixo. Então, ele primeiro que tomou água, filho de *Omama*, filho de Yanomami. Filho de *nābi*² também. Então, a pai arpoou onde estava barulho de água lá dentro (terra), mas tinha fonte. Ele pegou uma lança... lança de pedra para arpoar. Arpoou bem forte onde estava barulho, onde estava passando a água.

Tchum (barulho de arpoar). *Omama* é uma grande sabedoria. *Omama* é também um artista. Ó onde ele colocou a água! Então a água saiu, ele pegou uma cuia, deu para filho, e mandou correr. Vai longe porque água vai sair bem forte. Para tirar a lança, vai sair água. Eu assim que eu, eu escutei primeiro, e depois tomei *yacoana*, para me ensinar onde que ele tá... onde que ele sabe a fonte da água. Né? Então *Omama* puxou uma lança bem pesado. Puxou: *tchok* (barulho para retirar a lança). Aí, a água que tava embaixo, saiu muito forte: *tchunk* (barulho de água espirrando forte). Água foi lá em cima, muito alto.

É assim que nós, Yanomami, sabedoria *Yanomami*, que conta, contou para mim, contou para mim, e depois eu *conta*... e conhecer aonde que as parte se abri, que está, que conhece as água que sai. Então, eu... essa água que sai para o lado, derramou muito, morreu muito... morreu primeiro povo meu. Morreu afogado e *Omama* sobreviveu.

² Pessoa que não é Yanomami, estrangeiro.

Porque ele é um grande *sabedoria*. Ele é um grande que segurou onda. Resto morreram. Só não deixou morrer as famílias. Essa família que sobrou quando água baixou, é a ... *Omama* desceu e fizeram filho de novo. Até hoje somos nós. Vocês também. Essa água que saiu, ele virou... ele saiu, descendo, andando até parou num lugar baixo, lugar plano, aí essa água virou mar. Né?

É assim que nós aprendemos com a fala do *Omama*: “Olha, Yanomami, você não pode destruir água. Água é principal. Água é principal para todo mundo. Para as árvores, para as caças, animal, para nós, para os brancos, isso é para tudo. Para usar. Para limp... para fazer comida, tomar banho, lavar seu roupa (sic)... e, todo que a gente usa hoje (sic).

Eles também colocaram a água no cipó. Quando falta água, água vai ter no cipó... na floresta. Quando faltar água, destruir tudo, água de cipó vai ficar, aonde não tem nem um ... não passa água, mas água vai ficar assim, embaixo. Com cipó. Você já tomou água de cipó? (pergunta para as pessoas). Sim, ele nasce e já tem uma água. Guardado uma água para nós. Quem não conhece a água, onde que ele tá guardado, morre de sede (sic). A água, sem ... se você não tomar a água, a sede mata a pessoa ... ele deixa morre. É por isso que, nós, povo indígena, Yanomami, Macoxi, Wopixana ... Caiapó, Xavante, Krenak, e outros povos indígenas do Brasil e povos indígenas do mundo inteiro, a gente fala, a gente fala com homem branco, homem branco não acredita. Ele não acredita. Agora vocês estão acreditando. Vocês estão crescen ... a cidade de São Paulo tá crescendo. Tá crescendo para cima. Muitas casas... muitas casas. Usando muito água. Para tomar banho. Para usar água tendo casa, para ter casa limpo (sic). Se faltar água, a casa de vocês vai apodrecer. Esse é a minha pensamento. Né?

Então hoje, vocês estão preocupados ... e outros, outros não estão preocupados. Destruidor, ele não está preocupado não. Porque nós estamos sustentando ele. O pessoal que trabalha, que bota água no copo. São os funcionários que trabalha para ele. Nós estamos sustentando esse homem destruidor. Ele tá bem tratado ele. Ele está bem tratado, água em casa, Água em casa. Água encanado. Para ele tomar banho tem seu tanque na sua casa.

Se não tiver nós. Se não tiver aquele homem negro... como é que chama? ... aquele homem que foi trazido... escravo. Escravo que está trabalhando para eles. Homem branco, pele branco ele não trabalha. Então é por isso que ele não está cuidando... ele não está preocupado para cuidar água da terra. Só fica destruindo. Cavando buraco. Matando a floresta também, a floresta ... as árvores que fazem as sombras pra proteger a água. Essa árvore e a terra. Eles estão tirando tudo. Tiram tudo e fazem buraco. E ia sujar os igarapé, o rio grande. Ele está deixando tudo. Mas ele mesmo está destruindo. Ele mesmo... o home...o homem capitalista..., que o chama capitalista. Homem moderno. Que usa roupa, aquele pescoço amarrado. Então, eles são culpados. Ele que vai apagar a nossa vida. Ele que vai apagar nossa água da vida. Acho que ele não vai pagar não, ele vai sofrer também. Ele vai ficar velho. Todos nós ficamos velhos. E assim que eu sonho, assim que eu aprendi com escuta, a Mãe Terra. A grande Mãe Terra está reclamando, mas nós não escuta ele. Ele tá sentindo dor. Tanto pancada que ele pega com trator pesado arrancado pele dele, tirando as pedra, fazendo buraco... mas o homem da cidade não está conseguindo... grito da terra. Então vocês já começaram pensar. Vamos mergulhar juntos. Mergulhar juntos lá em baixo para ver a tronco da água. Onde que autonomia que manda água para igarapés ... para os igarapés pequenos, o rio grande, do mar. Então vamos...tem que aprender juntos. Você vai ensinar também. Não eu vou ensinar vocês. Você que tem escola ... você que tem a escola para aprender... vocês têm o professor, a professora. Vocês vão me ensinar e vou ensinar para vocês também. Vamos aprender juntos.

Não é só para ficar assim ... é, de esperar... alguém vai dar aula para vocês. Vocês já têm os professores. Eu não tenho professor. Eu tenho professor pajé. Pajé Yanomami que toma Ya...éh... tira um ár... éh... tira *Yacoana* da árvore. Árvore especial, árvore de sabedoria. A gente cheira (reproduz barulho de inalar): *Sniff...Ahh...sniff*. Para abrir visão para olhar água... aonde que é água ficou... *Omamacolocou*.

Muita gente não conhece a água. Ele tá pensando que vem sempre a água. Vai faltar água! Vai dar briga! Vai dar guerra! Isso é que estão falando. No outro lugar, já tá



acabando água. Tá faltando água. Aqui no Brasil, tem muito água. Você não pode pensar, tem muito água... na floresta. Tem muita água no mar. Mas vocês não vão usar porque é água salgada.

Omama não precisa colocar. *Omama* não falou isso. “Olha, Yanomami, quando vocês suja água, vocês pega remédio, dá remédio para água ... fica bom, fica limpo. Ele não falou isso não. Porque *Omama* deixou o água perfeito. Limpo, sadio, não tinha ... não tinha bactéria ... para entrar no barriga, no cabeça. Isso é muito importante ... é, é mui, muito importante éh, ... fazer um ... convoca reunião, chama os pajé também, ... os pajé Yanomami vão explicar para você também. A primeira vez que tô, eu tô aqui, conversando... e já sabia, né?”

Lá na Boa Vista, Roraima, quarenta mil garimpeiros que entrou nas terras Yanomamis em 88 ... em 198...em 1986! O governo de José Sarney que derrubou garimpeiros lá em cima, na cabeceira onde nasce a água, nas montanha, sujou a água. Até hoje, ninguém está tomando. Ele não toma. Ele só tem, toma água vem trazida de outro lugar. Água suja ... nós não toma ...porque está contaminado. Água que passa em terra Yanomami tá sujo. Rio *Uraricuera* ... Rio *Uraricuera* e *Uncajai* ... Rio *Apiau*, *Catramani*, *Cajimaduracan* de São Gabriel de Cachoeira. Lá do Pico da Neblina, também está sujo. Tá sujando tudo. Esse mercúrio de branco usa, vai tingi... tudo o nosso pulmão da terra. Vai tingi toda a água que está lá em baixo, que está guardado. Ele não está guardado no céu não. Ele está guardado na terra e outro em cima.

A visão do Yanomami aprenderam assim, eu aprendi assim. Eu não fui nasci, eu não fui nasce sabendo não. Mas eu fica olhando, andando. Água limpa, água suja, eu aprende...né?... Aquele que é água que vocês falaram que é água ... água marginal. Água marginal é água suja da cidade. Água, como é que vamos chamar?... É fezes? Cocô? Cocô, fezes, “virina” ... urina... e que mais?... éhh... tudo gasolina que tá no ... gasolina que cai no terra. Gasolina, óleo, ... tudo que ... tudo que é ... “urru pei mai gura” (pronuncia provavelmente em Yanomami) ... tudo que estado está, tá sujando. Né?... Então ... isso que eu queria, eu queria assim, ãhh,, explicar mais ou menos. A Mãe Terra ... a Mãe Terra é generoso ... “axim rete” (pronuncia provavelmente em

Yanomami) ... Ele dá água para nós ... não é ... não é governo que dá água. Ele dá água para você bebe ... mas tem que pagar. A Terra, Mãe Terra não precisa de dinheiro ... ele não precisa de dinheiro de nós. Mas ele é generoso. Ele dá água ... quando ... ele pedia água para ... cair chuva ,, e também limpar o terreiro ... limpar pista, limpar rua, tudo ele é, Mãe Terra é generoso para tudo. Se não tiver assim caído, se rolar em cima, a cidade tá tudo sujo. Tudo contaminado. Quando a chuva cai, ele vai limpar tudo. A rua fica limpo. Até jogar no igarapé... até chegar no mar. Então assim que é a movimento de nossa grande Mãe Terra, que está tratando nós. Ele tá cuidando de nós. Porque Mãe Terra, nós indígenas, Yanomamis e outros parentes, nós aprendemos ... ouvirmos a fala da Terra: “Olha, vocês meus filhos, me chama Mãe Terra, aqui que vocês nasceram. Vocês não nasceram lá em cima não. Vocês nasceram aqui. Então vocês vão cuidar. Vocês vão cuidar dessa floresta é de vocês. Esse lugar é de vocês até você morrer, mas tuas filhos, netos, outra geração vai precisar, então, esse aqui é o seu lugar. Muito cuidado, mas tem outro gente que não presta vem para cá para destruir tudo”.

Assim que ele deu aviso para grande pajé Yanomami. Até ele repassou para mim... essa palavra para cuidar da Mãe Terra. A Mãe Terra não vai morrer. Mas nós morreremos. As árvores também vai morrer. Mas igarapé ele vai secar mas depois ele vem ... ele vem de novo. Mas água, quando água contaminada, ele vai viajar também outro lugar. Ele tem um caminho para assumir a água. Ele vai hummm... água vai muito longe. Porque ele não quer lugar contaminado. Água ele tem uma vida. Água tem um pensamento. Ele sabe que tem uma caminho aonde que ele vai, que ele vai “ungi” (deve ser fugir) ele vai embora para outro tanque...hã?

Eu, quando era assim, 10, 11 anos ... eu já sofri. Viajei ... cabou água... fiquei sem água. Quando vocês toma muito água... né? Nós tomamos muito pouca água... eu... então acabou água na viagem, quase eu morri de sede. Então, eu já provei... eu já senti dor... sem tomar água... né? Vocês não. Vocês todos os dias vocês toma. Vocês tá viajando de avião, vocês tá tomando. Viaja de navio, você tá tomando. Viaja de carro, vocês tá tomando. E nós também toma quando está viajando no mato. Passando igarapé, aí a gente para e toma. Sem a água, não é bom não. Eu já sofri, quase morri. Meus amigos

me carregaram nas costa até encontrar água... né? ... então... Vamos cuidar nossa Mãe. Nossa Mãe Terra é generoso. Ele tem o poder muito grande, a Terra não tem fim para ele morrer, mas nós poderemos morrer.

É por isso que nós somos, éhh... áhh..., deixar nossos trabalhos para nossos filhos. Para nosso, a outra geração vai precisar. Se não deixar trabalho bem feito, eles vão sofrer. Então eles vão guerrear por causa de água.

Isso que eu queria colocar para vocês e para mim também... Água é importante, o que eu falei: "Água para beber é importante para ter água no corpo". Para mijar direitinho. Sem água ninguém vai mijar. Sem água vira doença... né? Vira doença. A bexiga fica doído, doído... aí médico vai começar a cortar teu barriga... né? Para não deixar acontecer isso, vamos ... éhh... começar a trabalhar. Vamos começ...vamos falar com todo mundo. Nós aqui fala para todo mundo do Brasil, para índios, para os garimpeiros, fazendeiros, mineradores, porque mineradores estão estragando a água. Eles são muito *emorrodi*³. Eles estraga água, pega dinheiro, eles vão embora. Quem vai sofrer somos nós e vocês também. Eles pega nossas água ... agh.. ouro que taí, ouro, diamante, pedras preciosas que está la dentro, *nioma*... eles pega. Vão embora. Leva para todo ... leva para a casa dele. E eles vão deixar a terra, a terra doente. Terra cheia de *verido*⁴, água sujo, água parado ... parente... *camigo*, amigos, vamos trabalhar. Vamos lutar junto. Vamos sacudir a cabeça da capitalista. Capitalista que gosta de *sons* pedras. Pedras ninguém come. Quem come é água. Água é comida. Água é alimento... para os nossos filhos. *Awe? Erenan? Tamablariun*. Obrigado.

Jonas: Obrigado. Bem. Vamos agora para a Bahia?

Sinézio Félix: Vamos para a Bahia, porque tem uma coisa muito interessante, né? Eu também, Davi ... é Davi, né? Eu também nasci em 56 (1956) e achei interessante porque você também nasceu em 1956, né?

Davi: 54

³ Provavelmente um adjetivo Yanomami que tem como significado destruidor.

⁴ Provavelmente ferida

Sinézio Félix: É... mas achei interessante porque são exatamente, uma visão de 62 anos ou 63 anos da floresta e do recôncavo baiano. Eu nasci no recôncavo da Bahia, no interior da Bahia. Na zona rural. A gente chamava de roça. Pra nós lá tem 3 coisas: fazenda, roça e sítio. Fazenda vocês sabem o que é. Sítio também, e roça é classe média ali no meio, que quem denominava isso era a quantidade de terra. Dava para plantar... se desse para plantar, era roça. Se desse só para o lazer era sítio e fazenda tem a ver aí com os latifundiários, com o povo que acumula terra.

Interessante, porque a minha referência é negra. Minha referência é africana, né? Eu sou sarara... Sarara é uma mistura do branco com o negro, né? E dizem que também o índio, né? Porque o índio está ali, tá junto.

E a relação que a gente tinha, ... e é muito interessante, porque nesse momento com 62 anos, eu estou ressignificando minha história com a água. E começo na apresentação do trabalho do Jonas. Porque foi trabalho escrito ... vocês não estavam lá, né? Não lembro de ter visto... foi um trabalho bonito, um trabalho honesto, sincero, Um trabalho que pulsou. Um trabalho que tinha alma. E tinha um moço na mesa chamado Peter, eu não sei quem é ele... lembro dele porque ele vai ficar presente na minha vida para sempre. Porque na hora do depoimento dele, ele usou uma frase e disse: “Somos todos filhos da água”. E isso me emocionou. Isso me mobilizou. Porque eu nunca tinha pensado dessa forma. E naquele dia, fez sentido para mim. Sim! Eu sou filho da água! E aí eu fui me lembrando... aí que eu chamo de ressignificar... eu fui me lembrando... quando eu ouvi isso, eu pude voltar lá, né? Aos meus primeiros onze anos, que foi quando eu saí da roça. Tava falando com Lafayette, né? E com o Marcelo... tava contando para eles que eu vim conhecer vaso sanitário, chuveiro, cano, depois dos onze anos de idade.

É interessante, também, porque a região onde eu nasci não era muito distante da cidade “evoluída” entre aspas. Mas mesmo assim a gente era muito abandonado. A gente não tinha informação. A gente não tinha... o Lafayette estava falando de coisa de 300, 400 anos que prá gente nunca chegou. A gente não sabia o que era essa evolução. Então a gente lidava com a água ... éhh... no nosso cotidiano, o tempo inteiro, né? A água, eu via



minha mãe falar de uma outra mãe, que era a mãe água. E aí para a gente, para mim, para a nossa região, a água era sagrada. Porque a maior entidade, a maior figura de autoridade que a gente conhecia era a mãe. E aí tinha uma água que era maior que mãe, né?

A água, ela não era um produto. Ela... quer dizer, ela era um produto, ela não era um produto... hoje, eu sei que ela é um produto, mas o que eu quero dizer é que naquela época ela não era um produto, a gente achava que ela não era comerciável. Ela não era comprada. Foi isso que ele falou. A água vinha da terra. A gente chamava de olho d'água, né? A gente tinha, lá... os mais velhos tinham o local lá que sabia que lá tinha água. E aí eles identificavam, achava o olho d'água e a partir daí transformava esse olho d'água numa nascente. Esse olho d'água numa fonte que abastecia as pessoas. Mesmo que esse olho d'água, essa fonte estivesse na terra de algum proprietário, ela fosse particular, ela não era de ninguém. A gente levava a água para dentro de casa. O pote onde guardava a água era nosso. O copo era nosso. A casa era nossa, mas a água não.

A roça do meu avó, dos meus pais, ela foi dividida no meio pela (rodovia federal) 101. Que aí vem a questão que o Davi chama de homem branco, né? E foi uma ameaça para a gente. Foi uma ameaça ... foi uma ameaça muito grande. E naquela época a gente não sabia que existia depressão, mas meu avô deprimiu quando a 101 passou pelo meio das terras dele. Primeiro pela desvalorização... do próprio estado, né? Porque a ... pago pela terra, é abusivo. É ridículo. E segundo, porque ficou exatamente assim: a água de um lado e a casa e a aldeia de um outro lado. Então, quando a estrada passa pelo meio, faz essa separação, cria uma ameaça, e meu avô botava a gente de cócoras, não sei se vocês sabem o que é cócoras, né? No fim da tarde, que hoje como psicólogo reconheço que ele estava deprimido, ele sentava de cócoras e fazia uma pergunta para mim que tinha 7, 8 anos: “Quando o mundo vai se acabar”? E para mim era terrível. Eu não tinha como responder. Era frustrante nesse sentido. Eu queria responder, mas eu não conseguia responder. E isso era repetido! Mas ele também não me dizia quando o mundo ia acabar. Mas até que um dia ele disse: “Sabe quando o mundo vai acabar? Quando tudo

virar rodagem. Quando tudo virar asfalto... o mundo vai acabar. Mas para mim, eu não alcançava isso. E eu também criei uma resposta. Não consegui dar para ele. Mas dei para mim. Que é: para mim o mundo vai se acabar quando a gente comprar água.

Lembro que no dia da apresentação do Jonas eu disse: “Pois é, eu estou comprando água, e o mundo não se acabou. Que mundo danado! Eu tô comprando água e ele não se acabou. Mas a água era muito mais do que matar a fome, ou matar a sede. A água fazia parte do nosso cotidiano 24 horas. Ela era lazer, a gente se divertia, a gente brincava na água. Mergulhando na água. Se divertindo com a água, mas a água era presente o tempo inteiro. A água estava presente na louva, a água estava presente na hora de fazer a farinha. Não se faz farinha sem água. Se não tem água, não se faz farinha. Não se cria animal sem água. Não se faz festa sem água. Não se faz os rituais sem água. Então nós tínhamos dois grandes poderosos que era a água e o fogo. A gente dizia que a água era a mãe e o fogo era pai...(risos).

E era mais ou menos isso que eu queria dividir para vocês. E eu acho que eu me lembro, éhhh... o que me interessa hoje é talvez saber disso. Como é que é essa história de produto? Como é que a água como produto? Por a casa da gente ser na 101 (Br-101), na beira da estrada da 101, tinha muitos retirantes, tinha muitos andarilhos, tinha muito viajante ... e a gente voltando lá atrás, a porta era aberta e água era dada. Voltando: nem que ela estivesse dentro da casa da gente, ela não era nossa. Ela era de quem tinha sede. Ela era de quem tinha necessidade. E se dava. Não podia se negar um copo de água... a ninguém. Era isso que eu queria dividir com vocês, e eu achei interessante essa história de exatamente a mesma época, como são vista, né? É próximo. Como os nativos, como a gente ignorante, sem informação na época, lida com a água, né? Ignorante no sentido, daquilo que você falou: daquele que se sente escolarizado, se sente dono da verdade, e aí vai. Era isso, obrigado, tá?

Jonas: Ok, obrigado Sinezio. Vamos para Minas Gerais, agora? Professor Lafayette, o que que é água para o meio jurídico?

Lafayette Sobrinho: Para o Direito, a água é uma coisa. E na minha opinião isso é uma insanidade. Então para mim, água é saúde mental. Saúde mental, porque ela tem a capacidade de lembrar quem nós somos. Nós perdemos a noção de que somos água. E quando isso começou? Aí eu ... me lembro que o ... um xamã Maia, certa vez disse que, ... na bíblia católica diz assim, né: “Que uma cobra chegou para Eva”, e disse para ela: ” Olha, se você comer daquela maçã, o fruto daquela árvore aí, você vai se tornar Deus”, né? E aí, esse xamã explicou: “Quando... foi ... foi dessa maneira sutil, que o homem começou a acreditar que não é Deus. Começou a acreditar que ele está separado da natureza. Essa idéia, essa separação da natureza... hã?... Criou a ilusão, de que: “Se eu sou separado, eu sou superior”. A idéia de superioridade, do homem em relação à natureza. Essa superioridade alimentou essa ilusão: de que não somos água. De que não somos natureza ... uma ilusão tão forte, que quando você pergunta para qualquer criança: “Me mostra a natureza”!, ela sempre aponta para fora. Para uma árvore. Aponta para um rio. Jamais ela aponta para si.

E essa, éhh... a bíblia é a cultura do deserto. Mas essa idéia de que o ser humano é superior à natureza faz todo o sentido no deserto. Porque o deserto não é mãe. Ele não dá nada! No deserto não tem comida. Não tem água. Não tem bicho. Tudo ... o homem para sobreviver no deserto depende de si: do seu trabalho, da sua inteligência, da sua capacidade de cuidar das ovelhas, de não deixar o lobo comer as ovelhas, de carregar água para onde ele precisar ir, né não, ele morre de sede. Então, o homem do deserto realmente tem motivos para se achar superior. Porque ele sobrevive por si. Então a idéia de que ele pode ser dono de coisas faz sentido no deserto. Mas não faz o menor sentido na floresta. Porque na floresta dá tudo o que as pessoas precisam. Ela dá água, ela dá terra, fruta, dá o animal, dá a sombra ... então a floresta é realmente uma grande mãe. E aí, quando você se relaciona com o deserto, você fica tão seco quanto ele. Hã?... Você começa a acreditar que a natureza é uma coisa ruim. Que a natureza ...ela é ameaçadora. Que você precisa se proteger dela.

E aí, éhh ... quando essa cultura do deserto se espalha pelo mundo, chegando até a Europa, ... o biólogo Humberto Maturana, disse que isso aconteceu a 7 mil anos atrás. A

cultura desses pastores do deserto chegou à Europa, que era uma cultura, que era, éhh ... que ele chama de matríztica. Que via a natureza como uma grande mãe, e (cultura do deserto) dizimou essas culturas e levou essa visão de que a natureza é um pai, éhh ... implacável. Né? Um pai castigador. Que é o deserto. E aí essa cultura descobre a cidade. Na Grécia antiga, né...? E a idéia, ... a Grécia ajuda a alimentar essa idéia, que depois é transferida para a religião católica. Que o ser humano é superior à natureza ... hã? E aí o deserto é globalizado, por meio das cidades. A cidade é um deserto. Na cidade tudo tem preço. A água tem preço. A terra tem preço. A comida tem preço. A cidade não é uma mãe... hã? A cidade é um deserto.

E esse relacionamento que as pessoas têm na cidade com coisas, com mercadorias, faz com que eles também achem que tudo é mercadoria. Então, a falta de relacionamento com a natureza, alimenta a ilusão de que estamos separados dela. E qual é a implicação disso para o direito? É que o direito alimentado por essa ilusão, de que estamos separados, ele transforma tudo em coisas. Menos as pessoas. O ser humano, por ser superior a natureza, é o único que é um sujeito. Todo o resto, que não é humano, são coisas. E coisas, eu posso destruir. Coisas eu posso ... se quebrar, eu pago. Não é? Eu pago para consertar. Eu não respeito coisas, não preciso respeitar coisas. Então, eu não preciso respeitar o rio, eu não preciso respeitar a floresta ... porque é uma coisa. É um bem. Eu só cuido dela porque ela me serve. Mas ela não tem o direito de existir, independente de ter ou não serventia para mim.

E essa idéia de que somente o ser humano ... éhh... é merecedor de respeito, só ele é um sujeito de direito, é que alimentas coisas, como Mariana, ... como Brumadinho. Hã? Se a terra é uma coisa, o rio é uma coisa, eu posso explorar e fazer o que eu quiser. Se eu sujar, se eu destruir, eu pago a conta. E aí, se o lucro for maior que o prejuízo, hã? ... compensa!

Mas a idéia de que nós... a natureza é coisa, fez, fez pior. Ela fez com que começássemos a ver as pessoas como coisa também. Então se trezentas pessoas morrem, num desastre... não é problema. Quanto custa? As mortes ... hã? Eu pago e está

tudo resolvido... né? Então, a idéia de que, ... éhh... a natureza não é um sujeito, e não merece respeito, alimentou em nós a idéia de que hoje o ser humano, apesar da lei considerar um sujeito, ele também é uma coisa. Também é tratado como coisa. Ele também é uma mercadoria.

O curioso é que essa idéia, que começou lá nessas culturas do deserto, que foi transportada para o catolicismo, já foi superada pelo catolicismo. E não é agora não. É na idade média. Quando São Francisco de Assis começou a se referir ao sol, à lua, aos rios e à terra como irmãos. São Francisco, na idade média, já mostrou que a natureza não é coisa. E a igreja católica esperou muito, alguns séculos, para começar a digerir isso agora com o Papa, que também procura resgatar essa idéia de Francisco. Mas há algo mais interessante ainda, a ciência já superou isso a muito tempo. Né? Quando descobriu que todos os elementos que existem na Terra vieram das estrelas. Fusões nucleares de átomos de hidrogênio que geraram hélio, que geraram todos os elementos, éhh ... as estrelas são a matriz de tudo que é composto na Terra. É de lá que vem o oxigênio e o hidrogênio, que juntos formam a água para nós. Então, para a natureza, para a ciência, água são estrelas. Estrelas em estado líquido. Mas nós seres humanos, assim como a água, é fruto dessa união, né? ... de elementos, éhh, éhh, ... formados nas, no interior das estrelas, nós seres humanos, somos resultados também, dessa união, de moléculas e de células. E de uma maneira muito mais profunda do que nós imaginamos.

Uma bióloga americana chamada Lynn Margulis, na década de 1970, ganhou um grande prêmio, por ter provado a teoria da endossimbiose. Hã? Ela descobriu que nossas mitocôndrias que produzem, sintetizam energia no interior de nossas células, elas têm estruturas de antigas bactérias, e tem um DNA diferente do DNA das células. Então, duas células a milhões de anos se juntaram e começaram a trabalhar juntas, e começaram a se reproduzir. Essa a teoria da endossimbiose. E essa união, essa simbiose entre essas duas células, se tornou tão perfeita, que hoje elas parecem que são uma só. Elas deram origem a todos os animais complexos. E parecem que são uma só, mas são dois seres diferentes. Ela estudou as plantas e descobriu que os cloroplastos das plantas,

que realizam a fotossíntese do céu, têm a mesma estrutura. E que, portanto, as plantas são também resultados dessa união de bactérias e seres simples.

Então, como podemos nos considerarmos superiores? Como podemos achar que a competição tornou ... o ser ... ah, ah, ... o mundo mais evoluído, quando o que tornou o mundo mais evoluído foi a cooperação ... entre átomos, entre células? Então, a água nos lembra disso. Nos lembra da nossa origem. Quando nos lembramos que somos filhos da água, eu, éhh ... nasci no interior do Mato Grosso numa fazenda, né? Filho de caboclos, vivi na fazenda uma cultura cabocla até os 17 anos de idade, quando saí da fazenda para fazer Direito. Né? Éhh ... a água sempre foi sagrada para os meus pais, para mim, para os meus vizinhos. Ninguém precisou ensinar para nós. Por quê? Porque todos os dias iam ali, naquele córrego lá. Chamava de córrego, ou lá no olho d'água, nós bebíamos a água, nós sabíamos que aquela era a única água que a gente tinha. Que ela saciava a nossa sede, que eu não podia sujar.

Então era o contato com a água que me ensinava a respeitá-la. E quando a gente se distancia da água, quando a gente se distancia da natureza, a gente perde o respeito. Então, quando se fala em resgatar, éhh, o respeito pela natureza, nós precisamos primeiro resgatar o direito que todas as crianças têm de conviver com a natureza. Porque nenhuma criança criada em apartamento, longe de um rio, ou de uma floresta, de animais, de seres vivos, tem condições de desenvolver em si esse amor e esse respeito, que as crianças que tem esse contato, éhh, conseguem. Então, nós precisamos, éhh, levantar essa bandeira do direito à convivência com a água. Porque quanto mais convivemos com a água, não a água encanada, não a água parada, a água viva. Cachoeira, né? Igarapé, né? Chuva. Água viva... Quanto mais convivemos com ela, mais humanos nós nos tornaremos. E aí, quem sabe, pode-se curar dessa doença mental que é a ilusão da separação e da superioridade (ser humano e natureza) que alimenta os que vivem na cidade. Muito obrigado.

Jonas: Marcelo Cardoso, o que é água para os movimentos sociais, os movimentos sociais de São Paulo?

Marcelo Cardoso: Bem, fiquei aqui com uma resposta depois de tudo que eu ouvi aqui ... éhh, difícil, mas vamos lá. Eu queria antes... a gente ouviu aqui, tantos sobre, éhh, uma cultura que é ancestral. As nossas raízes aqui, até religiosas. E eu queria lembrar para vocês, que eu acho que isso faz parte da cultura ocidental, e nós esquecemos, a gente deixou isso para trás, que a água na cultura ocidental, na cultura judaico-cristã, ela precede a Deus. Ela precede a Deus. Deus não é o criador da água. Ele na verdade, ele paira sobre a água. E eu queria ler para vocês só esse versículo para que vocês vejam. Isso faz parte do Gênesis, capítulo primeiro, versículo 1, vai até 10, depois vocês podem chegar em casa e dar uma olhada, mas veja que beleza que é isso: “No princípio Deus criou o céu e a Terra”. Versículo 2: “A Terra era sem forma e vazia. Havia trevas sobre a face do abismo. E o espírito de Deus, se movia sobre a face das águas”. Ele não criou a água. E disse Deus: “Haja luz. Houve luz. E viu Deus que era boa a luz. E fez Deus a separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou a luz dia, as trevas chamou noite. E foi tarde-manhã do dia primeiro. E disse Deus: haja uma expansão no meio das águas. E haja separação entre as águas e águas. E fez Deus a expansão, entre as água que estavam de baixo da expansão, e as águas que estavam sobre a expansão, e assim foi. E chamou Deus a expansão céus e foi tarde-manhã do dia segundo, e disse Deus: junte-se as águas de baixo dos céus num lugar e apareça porção seca, e assim foi. E chamou Deus a porção seca: terra, juntou as águas e chamou mares. E viu Deus que era bom”.

Veja como muito do que a gente falou aqui, ele acaba se encontrando. Que o Davi falava das águas de baixo... agora o que você falou das próprias estrelas, do que a gente tem das águas nas estrelas. Do que você contava para a gente, que somos filhos das águas. Deus vem das águas. E eu trago isso porque para os movimentos sociais, água hoje, no Brasil, ela é um indicador da desigualdade no Brasil. Um indicador social. Num relatório que a UNICEF fez, apontando os direitos humanos das crianças, entre 5 direitos, entre eles: água, saneamento, educação, informação, 61% das crianças, elas têm pelo menos dupla dificuldade de acesso a esses direitos, como água e saneamento. A maior parte das crianças brasileiras não tem acesso a água. Não tem acesso a saneamento básico. Dados aqui, que são do próprio Ministério da Educação, do INEP



de 2016, diz o seguinte: é que num total de 184 mil escolas, destas 83 são públicas. 61% não têm esgoto e 8% não têm banheiro. É essa a realidade do Brasil.

Ainda se avança quando a gente diz que a água ela é um indicador social. Foram 28.000 pessoas que morreram de veiculação hídrica no Brasil em 2018 segundo o SUS. Mais de 100 milhões de brasileiros não têm esgoto. É uma Etiópia inteira. É um país inteiro no Brasil sem acesso a esgotamento sanitário. São 35 milhões de brasileiros que não têm acesso a água. É um Canadá inteiro sem acesso a água. Não é necessário ser perito aqui para a gente imaginar que isso tudo leva ao que. Aos problemas de saúde que a gente tem, como chicungunha, febre amarela, doença da dengue, e por aí vai, e que leva tantas crianças e pessoas à morte. São mais de 400 mil pessoas internadas no SUS por diarreia. Nas 100 maiores cidades do Brasil, no ano passado, em estudo também levantado, 49% dessas cidades não tiveram nenhuma melhora nos últimos anos, no que diz respeito a abastecimento público e água. O hiato entre o que a gente chama de abastecimento e o que a gente tem de saneamento no Brasil, ele é enorme, seja na cidade ou mesmo quando a gente fala de meio rural.

Padre Jaime, da Zona Sul, ele sempre usa um exemplo que quando a gente apresentava um mapa da Guarapiranga.. Guarapiranga é um dos principais reservatórios da região metropolitana de São Paulo. É o reservatório que está dentro da cidade de São Paulo. Guarapiranga vem do tupi-guarani e quer dizer: ave de asas vermelhas. E a Guarapiranga é um dos principais reservatórios de água da Região Metropolitana da cidade de São Paulo. E se você pega o mapa de violência, o mapa de degradação ambiental, o mapa de exclusão social, e você cruza na cidade, aonde você vai encontrar é onde existe maior degradação ambiental. A degradação ambiental está diretamente relacionada também com a degradação social, humana, das crianças, da falta de saúde, a falta de educação, e assim vai. Esse é o cenário que a gente tem. Assim como se a gente olhar para as florestas e a gente vai ver o desmatamento, e lá a gente vai ver as grandes dificuldades que a gente tem e pessoas morrendo. Nas cidades, se você cruzar o mapa de violência, onde morre mais pessoas, onde você tem situações, e você cruzar com o mapa de degradação ambiental, aí está. É o mesmo mapa.



É a realidade que nós temos hoje. Não é apenas a cidade de São Paulo, eu falo da cidade de São Paulo, porque é a minha cadeirinha da onde eu venho, então eu falo mais da cidade de São Paulo. Mas eu sei que Recife é assim. Eu sei que Belo Horizonte, na periferia de Belo Horizonte a gente tem isso. Se a gente for para Brasília, aonde a renda per capita brasileira é astronômica e a gente for para as cidades satélites não tem acesso a água, não tem acesso a saneamento. A saúde básica não é atendida. Postos de saúde não existem e por aí vai. E agente pode avançar sobre isso.

Bom, mas a gente também, éhh... tem também aqui, não só que falar das desgraças, mas pensar que a gente pode... essa situação e a gente tem como fazer essa situação. A gente vinha... você falou do Papa Francisco, e ele tem uma frase muito feliz: quando perguntaram para ele numa entrevista que fizeram com ele sobre a diferença entre misericórdia e compaixão, ele dizia assim: “A misericórdia é divina. É parte de Deus. A compaixão ela é humana, porque ela me faz me identificar com aquele que passa o sofrimento. Eu sinto a dor do meu irmão em mim. E isso me mobiliza para que eu faça algo de diferente”. E eu acho que é um pouco da razão da gente estar aqui.

A água tem esse sentido, ela dá esse sentido para a humanidade, por ela ser vida, por ela fazer parte da nossa história, e ela precisa urgentemente de uma resposta do homem branco, e das demais culturas, cultura indígena, da cultura afro-brasileira, das religiões. Não só da ciência como a gente vinha falando, mas a gente precisa hoje somar todas as vozes. Trazer todos os nossos conhecimentos para que a gente possa dar uma resposta, para essa questão que ela, como disse o Davi aqui: “O homem pode morrer, mas a natureza, ela vai continuar e ela vai dar continuidade”. A ciência comprova hoje que existiram seis extinções no planeta. E o planeta continuou. E provavelmente deve continuar se o nosso modo de vida se extinguir. Mas o bom seria se a gente conseguisse viver em harmonia com a Mãe Terra. Com a Pacha Mama, como diz a cultura indígena na Bolívia, nossos irmãos aqui fronteiriços.



A gente tem uma agenda. E pelo incrível que pareça, essa agenda não é diferente da agenda que a gente tinha a 30, 40 anos atrás. A gente tinha que preservar as matas, a gente tem que dar garantias para os recursos hídricos, e aí a gente vem com a forma que a gente está construindo as nossas cidades. São Paulo não pode ser uma forma como as outras cidades no Brasil olham e dizem: “Nós queremos ser assim”! “Quando a gente crescer, a gente quer ser como São Paulo”! E a grande maioria das cidades hoje no Brasil faz isso. A gente quer ser como São Paulo. São Paulo vira o espelho para que a gente pode ser igual. E isso fez com que o Rio de Janeiro se tornasse o que é. Os problemas que agente tem na Região Metropolitana do Nordeste brasileiro. Os problemas que a gente vem tem hoje no Norte, nas capitais do Norte do Brasil, que não tinha, mas a violência cada vez mais vai crescendo.

Então, ocupação. A forma com a gente ocupa o solo. Transporte público é fundamental, e a gente cada vez mais vem achando que o carro é a solução. A gente hoje tem a lógica capitalista, como dizia o Davi aqui, que é: “O problema é o aquecimento global, então a gente troca, ou então a gente transfere, a gente troca, o veículo que é por carbono por um veículo elétrico, e tudo está resolvido”. Mas a gente continua o engarrafamento, a gente continua tendo todos os problemas que a gente tem na cidade. Essa lógica que a gente tem, é o modo de vida que a gente tem que mudar. Essa é a agenda. É a forma como a gente ocupa o solo. É a forma como a gente olha a água. É a forma como a gente olha a natureza. É plantar árvore. E plantar árvore na cultura judaica, sempre se diz isso, quando você planta, planta uma tamareira, a tamareira vai tender a dar frutos em duas ou três gerações para a frente. E aí perguntavam para um senhorzinho, bem velhinho, que estava plantando a tamareira: “Mas por que você está plantando essa tamareira”? “É para as futuras gerações. Não é para mim. Eu já não vou estar aqui”. E a gente tem que fazer isso, só que a gente não vem fazendo isso. A gente vem cortando as árvores da cidade, as florestas, e vem desmatando cada vez mais o planeta. E destruindo o planeta. Lixo, resíduo, cada vez mais.

Uma das coisas que eu acho que é fundamental e que a gente simplesmente esqueceu, que é a nossa linguagem. A gente está perdendo a capacidade de dialogar com os



jovens. Essa é uma agenda que é necessária. Tem um teólogo judaico Abraham Joshua Hershel, que ele diz que o homem precisa se reencantar pelo mundo. Nós provocamos o desencantamento do mundo, e esse momento é de reencantamento do mundo. E para esse reencantamento não basta essa geração que está aqui. Mas a geração que vem atrás aí, essas crianças que estão aí. A gente precisa saber como dizer isso para elas, que a responsabilidade... e que a gente não deu conta do recado, mas que é necessário esse reencantamento pelo mundo.

A gente tem algo que a gente está perdendo cada vez mais, e eu vejo nos últimos anos, que é a preocupação com o trabalhador. E isso é fundamental para o meio ambiente, é fundamental para a preservação ambiental. Quando a gente encontra trabalhadores escravos, a gente também está degradando o meio ambiente, e está cada vez mais, esquecendo as nossas origens. E isso cada vez mais no Brasil, e parece que isso vem acontecendo mais ainda; a gente fala de flexibilização de leis trabalhistas quando a gente esquece que o trabalhador ele faz a diferença no seu dia-a-dia, no seu momento, no seu trabalho, na sua família. E a gente não pode esquecer.

Essa é a agenda. E isso tá na periferia de São Paulo, nas florestas brasileiras, tá nas casas brasileiras, tá nas escolas, tá aqui no CRP. Eu acho que está no que a gente, outro dia a gente vem, a gente vai fazer agora em maio, uma atividade aqui em São Paulo que já tem 14 anos, que é que a gente chama, de forma carinhosa, um Abraço ao Guarapiranga. Simbolicamente é abraçar os mananciais da Região Metropolitana de São Paulo. É buscar trazer um pouco de amor, e não só linguagem científica, ou a idéia de que você precisa ... éhh, a água é um bem público, comum a todos, não! Tem que ter amor! Tem que ter um pouco mais de atenção para esse discurso. Acho que é isso.

Jonas: Obrigado, Marcelo. Bem, acho que podemos abrir para algumas perguntas. Houve algumas manifestações. Pois não, Edir.

Edir: são dois comentários sobre duas perguntas, e vou pegar o teu gancho. Eu sou lá do ABC, Santo André, por isso que eu vou embora mais cedo, porque você não ouviu eu

dizer isso. Também a Billings, Marcelo! A Billings também é manancial. E ali é um cinturão verde muito grande, que nós estamos tendo um problema muito grave atualmente sobre a instalação de porto seco⁵ e outras iniciativas econômicas que a gente está percebendo faz tempo, principalmente em relação a Plano Diretor. Éhh... o que acontece?...Marcelo, ali a gente vê que não só o poder econômico tradicional predador está tentando invadir ali com o porto seco, como os movimentos de habitação. Nós temos ali ... o pessoal ambientalista está tentando ... éh... tentando fazer um consenso por aí. Por o movimento, o pessoal da habitação, mesmo, dos movimentos de ocupação, eles querem invadir a área de manancial que é produtora de água, não é uma área qualquer. É produtora de água, é ... mas eles querem urbanização da área de manancial. E isso é um absurdo! Você não pode imaginar que você vai botar asfalto ... quem que falou sobre asfalto? Você, né? Então... vai botar asfalto onde produz água inclusive para São Paulo. A Billings ali produz ... e nós estamos tentando, e acho que não sei até aonde, em fazer uma coisa que foi parecido, com o que foi feito no cultivando Água Boa no entorno de Itaipu. Que é trazer atividade econômica que depende de ciclos da natureza. Fitocultura, botânica, piscicultura, ... eu chamo de atividade econômica não primitiva: primordial. Que a gente tem assim de início, e que toda a população, éh, éh ... que vem da terra já sabe fazer. Então, a pessoa ia morar lá, ia trabalhar lá. Não precisava nem de transporte. E ela mesma ia preservar aquele ambiente, porque é a fonte de vida dela. Então, é a nossa perspectiva em termos de ocupação de áreas verdes em manancial é trabalhar a questão da atividade econômica que depende dos ciclos da natureza. Assim a gente esvazia a argumentação do poder econômico: “E aquele espaço ocioso? Não tem atividade econômica? É improdutivo?” ou até a questão da habitação urbana, se a pessoa quer habitação urbana ela vai batalhar isso por outro motivo.

O comentário que eu vou fazer é em cima do que você disse e finalizar com uma pergunta para o Davi, ... teu nome? Desculpa, eu estava lembrando aqui... Lafayette! Lafayette, a origem mítica dessa devastação da natureza, vem lá atrás, não foi o catolicismo não ... vem lá atrás da ideologia patriarcal judaico cristã. Tá! Porque antes

⁵ Porto seco é um projeto de construção de um centro logístico em área de manancial de Paranapiacaba, em Santo André



de Abraão havia divindades femininas que tem muito haver com a Terra. Com o símbolo da Mãe Terra. Veio, então, a instalação de uma ideologia patriarcal lá atrás. Depois passou lá pelos gregos que deram um verniz sofisticado com uma filosofia. E na Europa tinha uma civilização Celta de 7 mil anos que já estava na Europa. Os caras eram sofisticados porque eles ensinaram os gregos, por exemplo, a conservar vinho em porcelana, porque os gregos não sabiam ... Constantino, mais ou menos em 300/400 ali, que assume o catolicismo como a religião oficial de Roma, e invade, quer dizer, acaba com uma cultura que tinha na Europa que tinham respeito à Mãe Terra, deusa Mãe Terra. E eles priorizavam muito o feminino, muito em cima dessa questão da relação com a terra. Não como gênero humano... e isso me trás para a pergunta para o Davi, para essa origem mítica desse confronto agudo que nós estamos vivendo agora, porque não são simplesmente os garimpeiros que estão, aí eu já vou dirigir para o Davi a pergunta, não são os garimpeiros. Nós temos um poder econômico, algumas dezenas de famílias no mundo, como o pessoal da Vale do Rio Doce, e tudo mais, eles articulam deliberadamente, não por desespero do garimpeiro que quer, sabe, quer garantir a sua sobrevivência... são dezenas de pessoas no mundo. Ladislau Dowbor tem um artigo muito interessante sobre isso: “A captura do poder pelo sistema corporativo”... dezenas de pessoas no mundo articulam não só a discussão da água e da terra, mas como a discussão da vida no planeta. Aí, você citou, eu estava anotando aqui, parece que existe uma criatura que é antagonista, que se dedica à destruição, na mitologia do seu povo, né? Eu acho importante verificar isso. Para mim é muito estranho isso ... como é que alguns seres que têm tudo, que são a elite do planeta se dedicam a destruir não apenas água, mas a vida no planeta. Essas criaturas teriam alguma equivalência, tipo de entidade, você disse um nome na mitologia Yanomami... porque por exemplo, nos temos um psicólogo chamado Young que estudou muito essas, esses... eu chamaria isso de impulso psíquico no ser humano para tentar equacionar isso. E me interessa muito, eu também estudo muito a questão ... isso de mitologias sobre... como que é essa criatura? Se você puder falar um pouco dela... me interessa.

Davi Kopenawa: é assim: primeiro, dois homens que surgiram junto com a Terra. Se chama *Yoasi*. *Yoasi* é irmão do *Omama*. *Omama* é o braço direito. Ele que, ele é braço

direito. Ele é honesto. Uma boa pessoa. Pensamento bom. Pensamento vai longe. Aonde ele quer... ele quer chegar. Partida e chegar lá. Então *Yoasi* e *Omama* são duas divindades. *Yoasi* cresceu junto com o irmão dele. Primeiro, *Maxita-Urihise* chama a terra-floresta. Eles criaram. Primeiro que eles pensaram. *Omama* e *Yoasi* pensaram: “Olha meu irmão: o que nós vamos fazer primeiro?” “Primeiro nós precisamos plantar as árvores. As árvores ... vamos plantar as árvores primeiro”. *Eles vão fazer parte de ser irmão. Árvore é ligado da saúde. “Árvore que vai crescer junto com nós. Ele vai primeiro ... ele vai dar flor e dar fruta para a gente comer. Esse é o plano de ação do Omama, que escolheu, escolheu coisa boa. É. Coisa boa para todos. Para sempre. Não é só para terminar amanhã, depois, daqui um mês ... é sempre! E Yoasi, o pensamento diferente. Yoasi pensamento diferente. Ele ... trabalhou junto com o irmão dele. Plantando as árvores. Castanha, buriti, açaí, ingá, caju, ... éhh ... pupunha, pacaba, tudo que existe ... que existe as frutas na floresta... que a gente come. Que os indígenas comem e vocês também comem. Então Yoasi cresceu ... ele ... pensou: “Olha, meu irmão, eu precisa pensar do meu jeito. Eu não vou pensar assim como você está pensando. Você está pensando, o caminho limpo, *trabalha limpo*. E pra nossas, ... ahh... *filhas* de vocês. Eu vou dar um jeito. Eu vou pensamento meu... esse esquema, eu vou fazer esquema, muitos caminhos que não presta. Caminho tem muitos, não presta, que, para Omama”. Omama brigou com ele: “Olha, do jeito que você quer fazer, você faz. Aí ele começou a destruir a natureza. Eles derrubaram primeiro uma árvore grande... pra fazer madeira. Isso aqui, ó (bate na madeira da cadeira). Yoasi, ele pensou ... ele precisou fazer uma tabua. Madeira para fazer casa. Aí Omama começou a discutir: “Olha meu irmão. Você está errado. Você está matando primeiro as árvores. Árvores acaba! Você vai morrer... matando... derrubando as árvores... para manter, éhh... as árvores vai manter, preservar nossa Terra Mãe. Você está começando a destruir”; “Ah, eu plantei isso. Esse daí é o meu obrigação”. Assim que Yoasi falou para o irmão. Omama não gostou e começou a brigar. Começa a brigar e não gostou. “Olha, eu sou Omama. Omama ensinar ao meu povo. Com ... o povo vai usar ah, ah... para fazer a casa. Eles vão tirar um pau pequeno. Pau pequeno para fazer casa, fazer estaca, caibro, tudo. Agora você está errado. Você está cortando as madeiras. Você está matando... primeiro essas árvores. Então, eu queria que você fosse embora daqui”. Eles mandaram*

embora. Brigou todos dois com irmão, e mandou ... Yoasi embora para outro mundo: “Yoasi, você pega *teu* rede e *teu* canoa, você vai para outr ... lugar muito longe. Outro lado do mundo”. Ele foi mandado com a Omama. Omama ficou aqui no Brasil. É por isso que os brancos que... Yoasi ficou lá Europa, cresceu o povo, estudou, daí ele escreveu, os filhos dele ... o filho dele pegou um livro, leu, ... disseram Yoasi dizendo que ... tem outro mundo... aonde, aonde boia/banha (incompreensível)... É assim que foi... Yoasi voltou. Yoasi é pele branco. É. Yoasi. Yoasi pele branco como assim? Yoasi pele branco e todo manchado assim... tudo pele... como chama? É, mancha branca. É você tá todo pintado assim, branquinho, branq... toda, todo assim... então mandar embora. É por isso que os filhos deles nasceram branco: pele branco, travessaram, voltou. Éhh... invadiram as nossas terras de volta. Assim que é a história do... do Pata... do Pata Xapiri⁶ conta, que fala... e homem diz que é ... homem fala que Pedro Alvares Cabral que descobriu ... o Brasil, ele não descobriu, ele invadiu, porque Yoasi escreveu para o filho dele para voltar. Lá, destruí lá. Europa derrubaram tudo. Agora tá tudo derrubado. Não tem nenhuma árvore nativo. Árvore que nasceu na terr... árvore que nasceu na terra, não tem nada, só as éhh... só as plantação. Como chama? Não é soja não. Árvore! Árvore que não dá fruta. Reflorestamento, reflorestamento éhh ... não tem força. Ele não vai trazer chuva. Ele não vai trazer, éhh... éh, energia boa. Energia limpo. Ar limpo. Né? Então, é que o Yoasi ... eh, ah ... os netos do Yoasi voltou no Brasil, estragou.

Começar ... estragaram, rasg ... trouxeram máquina para fazer caminho para destruir a pele da terra... suja o rio. Então, o meu chefe da aldeia, era uma sabedoria. Não é só o homem da cidade que tem o saber não... Sabedoria diferente. Nossa sabedoria é diferente. Nós somos pensamento O+ (ó positivo) ... dessa... a gente tem Omama, ó positivo ... que nós escolhemo *essa* caminho. Índio nunca destruí nada. Índio, éhh, ... sempre o meu pai, o meu povo, éhh... preservaram a natureza com água, com tudo que está tendo do nosso universo.

⁶ Guarda histórico do antepassado, início do mundo.



A Terra planeta tem que ser bem *respeitado*... para nós... né? Então, isso que ... é homem... mal ... homem político mal. Só quer dinheiro... Só quer dinheiro, *mare é*... que não se come. Água a gente come. Água a gente bebe. Fazer comida. Se toma banho, se sente bem. Vocês falaram, animal também quer água. Então, eu sempre *fala*: “Eu nasci para... *prá* enxergar o que que é bom, o que Omama plantou. Coisa boa para nossos filhos. Para viver bem. É por isso que é... os homens encontraram o Brasil inteiro, sem... sem destruição. Sem desmatamento... poluiu o rio. Quando chegou o branco, tá tudo destruído, tá tudo virado. Parece um ... vocês conhecem queixada? Queixada do mato, que faz lama. Destrói tudo. Tem outro tipo de queixada que ... nome indígena, *cria*... na fazenda... porco, né? Porco. O porco, ele também, eles também são um... eles são, o branco, garimpeiro, parece queixada... parece queixada que destruí a natureza. E máquina também fazer o buraco... você conhece, ... você conhece, éhh... tatu canage, que faz o buraco? Pra não sei o que estão... éhh, são assim, são ... é assim que *näbi*, *Yoasi* vem trazendo para... pega pedras preciosas. Pedras preciosas... diamante, ouro... éhh... nióbio. Para fazer coração da máquina. Tudo isso que estão, ... tão crescendo.

Esqueceu... nosso pai Deus. Você falou ... esqueceram nosso pai Deus. Esqueceu totalmente. Né? Esqueceu... eu não esqueci. Eu sou Yanomami. Eu sempre *lembra* Omama. Sempre ... agradece quando eu *toma* água, quando eu *toma* banho. Quando eu lavo a minha roupa. Quando eu *faze* comida de festas, grande festa, tá assando. Quando eu suado, toma banho... na cachoeira. Eu sempre *lembra* a minha mãe Omama. A minha Mãe Terra que cuida nós. Certo? Eu também, eu também fui crente, mas eu não... eu acredito mas eu não conheço. Eu conheço mais Omama. Eu conheço mais desde pequeno que eu... eu ouviu fala chabere Omama e Yoasi. E Yoasi é *ochimi*. Omama *kisou* que o político para derrubar as árvores. Éh, negociar... a mercadoria da terra, mercadoria da cidade.

É isso. Isso muito triste. Muito triste para nós. Poxa, homem esqueceu nosso pai Deus. Teoria que deixou ... a Terra perfeito, limpo. Para a gente viver bem. Agora n'ós estamos... éhh... num tá vivendo bem não. Outros vivem bem, mas estão tristes. Quem pega muito ouro, tem muito dinheiro, mas eles não estão *feliz*, não. Eles não estão *feliz*...

Eles estão dívida bem grande... né? Eles estão devendo... o erro ... do homem da cidade. *Num* tem, *num* tem dinheiro que paga a nossa Mãe Vida. Assim eu aprendi... eu nunca vou cavar buraco na minha casa. Precisa que eu pega ... eu pega água com panela, com cuia, faze comida ... né? Acho que conheceu um pouquinho na cidade, mas na minha casa, na minha aldeia, você precisa ... precisa conhecer. Para conhecer realidade, os *pajé* que está cuidando da onda ... o onda do mundo. Sem Yanomami, sem pajé, caba tudo. As doenças que já estão chegando ... se acaba daqui ... daqui vinte anos, trinta anos... vai começar... vai começar... a natureza vai começar ... guerriar. Muita chuva, muito vento...

Rosa: ... posso interromper você? Agora eu sei que você deveria continuar, mas eu queria demais colocar umas questões... mais resposta do que você está falando. Bom, eu primeiro preciso me apresentar, porque eu estou aqui tremendo. A Lurdes me chamou, e eu falei: “Poxa, eu sou psicóloga, atuo aqui, mas a minha psicologia foi em função da educação ambiental. E do meu mestrado em Educação Ambiental na UNIP. Eu tenho, eu fiz a escola normal aqui, quando você falou da situação de saneamento e tudo isso... eu fiz a melhor escola normal do Brasil, que era a Caetano de Campos, isso em 1967. Pesquisei sobre educação ambiental desde a Eco 92⁷... e uma das coisas que eu fiz na minha *tese* de mestrado, é mostrando como a natureza era vista pelas religiões. E eu fui desde o *Big Bang* até atualmente.

Nas religiões judaicas-cristãs, éhh... muito antes dela, como você tem exemplo São Francisco de Assis, Aqueenáton⁸ teria sido em 1800 A.C., ele criou o Deus Sol. Esse Deus Sol foi considerado o Deus único do Egito e acabou com todos os deuses. E, segundo Freud, ele fala que Moisés foi um discípulo dele, porque ele era príncipe pelo Egito. Então vamos dizer assim, foi ele o responsável pela religião de um Deus único, judaico-cristão, que veio para a gente depois. Quanto ao que diz na bíblia, é.. ele fala que o homem é o administrador dos bens da natureza, mas não é o dono. Só que por

⁷ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada no ano de 1992.

⁸ Faraó egípcio de aproximadamente 1300/1400 A.C.



corrupção, por tudo que a gente sabe que acontece, o homem se sentiu Deus por muito tempo, na idade média, ele era o centro de tudo. Tudo era vivido em função dele. Agora, uma das coisas que me preocupa em relação à água, com tudo que acontece hoje. Vamos dizer assim, eu conheci a fundo. Meu ex-marido foi residente no interior de São Paulo em hidrelétrica. Então, eu vejo o que se fazia nas águas. O, por que não?, de vamos dizer assim, ter lugares que o peixe poderia voltar para fazer a piracema, se não acabava os peixes que precisavam de água corrente ... eu acho que tudo que você falou de saneamento, lá era uma cidade que se a CESP dissesse... o prefeito pedisse, a CESP fazia o saneamento... o prefeito nunca pediu.

Então, eu acho assim, é falta de educação dos nossos políticos e das pessoas que administram tudo isso. Por quê? Quando você fala das doenças que voltaram... meu pai era médico em tuberculose em Curicica. Um dos melhores na América do Sul. O melhor hospital. E a tuberculose voltou. Voltou porque acabou. Então o tuberculoso, ele tem que trabalhar para comer. E antigamente não. Ele tinha um hospital que tinha comida, que tinha tudo. Ele saía dali bom. Com remédio, com tudo. Então eu acho que nós deixamos a nossa saúde. Nós deixamos, em toda a parte, vamos dizer, a estrutura. Eu sou hoje de Brasília, certo? Eu vejo que era para ter outros lagos fora do Paranoá. Eu moro numa cidade satélite, Sobradinho. As pessoas invadem por interesse para terem as suas próprias casas perto do plano piloto. E, por alguma razão, quem está administrando, só vai tirar aquelas pessoas depois das casas prontas. Então, vamos dizer, Brasília é o berço de três grandes hidrovias...é, hidro... bacias hidrográficas... então, hoje nós temos... Mestre das Armas tem uma cidade de 190 mil e está sendo feita agora ... e vai usar isso. São águas pequenas, água de cachoeira, tudo isso.

Então, dói? Dói. Porque a gente tem na teoria o que tem para fazer, mas na prática ninguém faz. Então, vou dizer: Mariana, Brumadinho... ah, eu tenho uma equipe de educação, de psicologia que foi para lá trabalhar em DDR para tirar trauma. Acontece que o que teve lá, as grandes mineradoras, essa que vão, que são de fora, como o Davi falou, ou que vem aqui para explorar, faz tudo que tem que fazer e depois vai embora ou continua explorando, criando outras barragens que pode estourar a qualquer momento.



O que eles fizeram com Mariana até agora? Nada. Então, vamos dizer, o que deram em termos de dinheiro? Eu tenho uma amiga, que é psicóloga, que é do grupo que é de Mariana, então eu acho assim gente... Ah, infelizmente, gente, eu acho que falta conscientização. E quando eu tinha feito pedagogia, educação artística, e pós em folclore com Rosine Tavares de Lima e Julieta, para mim foram os maiores do Brasil, e a gente resgatava esse povo que você está falando, esse pessoal pobre da periferia. Porque o ser humano é causa e efeito da degradação. E a gente tem que ensinar o jovem que ele tem que começar do zero. A gente tem que começar da nossa localidade. Pense localmente, alias... pense globalmente, aja localmente. Ninguém faz isso. As nossas escolas não fazem. Vamos dizer, uma das minhas brigas com a educação ambiental, que eu fui resgatar o que ideologicamente, filosoficamente e cientificamente era exatamente, vamos dizer assim, ... as pessoas pensam na preservação do meio ambiente, preservar, só! Quando eu pesquisei, e foi na época antes de informática, que eu mandei carta para Deus e o mundo no Brasil, para parente, para amigo, para todo mundo, ah... na Amazônia onde eu nasci, eu sou de Belém do Pará, eles diziam, ah..."visite antes que acabe", e antes não tinha nem a noção de acabar a natureza... a água era um bem que nunca ia acabar. Era inesgotável. Era ilimitado. Hoje, nós temos as nossas maiores fontes pela Coca-Cola, Nestlé e cia ilimitada. Os ph alto, ... compras. Por que? Porque um dia o Brasil vendeu. Brasil vendeu as nossas hidrelétricas. Então, eu acho que tem ter um trabalho, quando eu dizia que Educação Ambiental começa no ser humano, por isso eu fui para psicologia. Tentando resgatar esse ser humano que começa nele. Na comida dele, na plantação que ele faz, não agrotóxica e em todas essas coisas. Na espiritualidade também, porque Deus não começou com a cultura judaico-cristã. Você falou da bíblia, Deus começou muito antes, porque Deus está no próprio caos, está na própria natureza. Está em tudo que você vê. E aí o Davi está certo.

Então, vamos dizer assim, o homem escreveu. E não foi nem Jesus, porque Jesus não escreveu coisa nenhuma. Foram os seus apóstolos. Então eu acho que a gente teria que ensinar essa criança primeiro a se gostar, se conhecer. Eles estão se matando. Tá tendo suicídio de moleque por causa de informática. Por causa de gente que está entrando. Por falta de valores. Valores de pai e mãe que estão deixando a criança na mão do professor

e o professor, coitado, às vezes está com excesso, ganhando pouco e com excesso de trabalho. Ele não está para educar ninguém. Então vamos dizer assim, tem muita coisa para ser vista... tem ... sempre, sempre, sempre. Mas nós fomos largados por muitos anos. A nossa Saúde está uma droga. A nossa Educação está muito ruim. Então, vamos dizer assim, a corrupção, quando a gente cria e fala de alguém que é corrupto, você não fala que ele é um assassino e ele é. Ele está matando as pessoas que estão na beira do hospital, querendo ser atendidos e não tem atendimento.

Quando eu falo da parte de garimpo, garimpo pobre, eu conheci muito. Certo? Quando fui para Mato Grosso inclusive, não, Rondônia... eu conhecia, dei aula para formação de professores para pessoas do garimpo caro, tipo Vale do Rio Doce, garimpo pobre, o pessoal da cidade e o pessoal da vila rural. Botaram tudo na minha sala, virou uma bagunça, né? Mas vamos dizer assim, é, o garimpeiro está ali para sobreviver, o pequenininho. O que vai, o que é, ... o que fazem, não estou justificando que ele faz é errado, tirar a terra é errado... mas é muito mais errado o que a Vale do Rio Doce faz. Que está ali por exploração. Que leva dali toneladas e toneladas dali para fora, e deixa essa porcaria dessas águas poluídas que estouram e destroem a nossa natureza. O que aconteceu em Brumadinho já está chegando no Rio São Francisco. São rios nossos que estão morrendo. Vamos dizer, o mercúrio que todo mundo fala: “Ah, Serra Pelada era o mercúrio”. Tudo bem, quem usava o mercúrio para mexer com ouro era a Caixa Econômica. Então, vamos dizer assim, é terrível. É! Então, o que está faltando? Educar esse povo que está aí no governo. Educar esse pessoal que entrou. Entrou sei lá como, ou por alguma razão foi eleito, ou sei lá o que... mas que não tem conhecimento do que está acontecendo. Fora os cabides de emprego que a gente sabe que tem e tem muito... e muita gente que foi endeusada porque não fez aquilo que foi feito. Então, vamos dizer assim, os índios, minha mãe foi criada numa madeireira, meu avô foi dono de uma madeireira. Ela andava pelo igarapé ... acho que era iangapi, procurando, querendo ver índio. Nunca consegui ver. E já tinha mundo branco que já tinha judiado de algumas índias ... então, eu acho assim, proteger o índio, eu concordo, mas dê condições para ele crescer. Ele poder estudar, poder fazer as coisas que ele tem o direito de fazer. Como todo o brasileiro. Proteger as matas dele sim, mas não colocar o minério principal na



região das matas dos índios. A nossa riqueza, para depois vir um protestante, alguém que veio aqui para doutrinar, tem lá, eu fui, desci agora ... a pouco tempo o rio ... eu queria conhecer...

Edir: Antes de sair, eu queria fazer comentário que vocês... desagradável. Você interrompeu a resposta do Davi a minha pergunta dizendo... dirigir imediatamente questões para outras pessoas. To vendo que está fazendo uma exposição. Eu quero registrar isso, porque é muito raro a gente ter a oportunidade de termos uma pessoa premiada internacionalmente como ele... com a sua linguagem e narrativa típica que não é acadêmica, e ele estava no meio da resposta da minha pergunta, e ainda não foi dirigida a sua pergunta.

Jonas: Rosa, você pode concluir?

Rosa: Bom, eu terminei. Eu estou realmente emocionada, porque é uma coisa que eu gosto muito. Eu peço desculpa, Davi, mas eu vi que o horário estava terminando... eu conheço você a muito tempo pela Lourdes⁹ que te adora e eu sei o homem que você é, e a importância que você é. Mas eu precisava dizer, porque quando a gente fala da situação do país hoje, tem muita coisa errada que está sendo feita pelo homem branco, e que nós temos que educar os nossos jovens.

Marcelo Cardoso: eu só queria dizer uma coisa que acho que é importante a gente não esquecer. Eu acho que existe o que a gente chama de Política Pública, e a Política Pública a gente tem que fazer a defesa e tentar mantê-la, que eu acho que é o que a gente vinha falando, se existem erros de governo ou não, mas existe a Política Pública, essa Política Pública precisa ser mantida. E é um pouco do que a gente vem sofrendo nesse momento, que é um pouco dessa desvirtuação. A gente está esquecendo um pouco do que são as Políticas Públicas. Mas além da Política Pública, mas acho que a gente está dizendo isso aqui, é a formação, é o indivíduo. Não é? A gente, em dado momento, a gente acreditou que basta dar celular para todo brasileiro e pronto. Ele vai ser

⁹ Pessoa que ajudou a fazer o contato com o Davi para ele participar desse evento.

independente. Porque me parece essa lógica. Ele vai entrar na rede social, ele vai ter acesso. E ele vai estar aí. E não é isso. O processo é muito mais caudaloso. Tem muito mais percalços aí no caminho. Acho que é a construção do indivíduo, a construção de uma Política Pública, a construção da cidadania. Eu acho que isso que é, é uma agenda que não mudou. Cinquenta anos atrás, sessenta anos atrás, setenta anos atrás, ou daqui cem anos, é a mesma agenda.

Jonas: Seu Ricardo, o senhor queria fazer uma pergunta um tempo atrás...

Ricardo: Não. Eu só queria falar uma coisa. Não sei se vocês viram uma pesquisa sobre os rios brasileiros? Vocês chegaram a ver? Eu não me lembro, assim, a quantidade, tal, mas de todos os rios brasileiros, acho que dois por cento (2%) têm água boa...ah...

Marcelo: Saiu uma agora da SOS Mata Atlântica. A água na Mata Atlântica brasileira. A gente, a maior parte da população brasileira... e como que a gente bebe.

Ricardo: Não. Eu só sei que existem quatro rios, são os piores rios que nós temos. São os quatro de São Paulo, né. Eu fiquei assustado com isso daí.

MA: setenta por cento (70%) da população brasileira está na Mata Atlântica. O que seria... setenta por cento (70%) da população está em Mata Atlântica que é o principal bioma brasileiro. Nesse bioma o que a gente tem de qualidade de rio? É a pior qualidade que se pode imaginar, está aí. E depois você tem o resto dos biomas, e tudo mais. Mas tem uma pesquisa que SOS Mata Atlântica lançou a pouco tempo sobre isso. Tem os números, eu não vou lembrar agora exatamente... só fazer um gancho, desculpa, Jonas. Mas já que a gente tem aqui os paulistanos, eu queria ... uma... uma pesquisa de percepção. Vocês acham que a gente está em crise hídrica hoje em São Paulo?

Ricardo: Eu acho, ao menos minha região está. Que é do Cantareira.

MA: Só sim ou não, para a gente ... é só uma percepção.



Joans: Éhh... não.

MA: Não. Não sei se você é de São Paulo ... sim ou não?

Ricardo: Brasília.

Rosa: Eu sou de São Paulo e de Brasília.

MA: Sim, você está aqui.

Rosa: Eu, sim.

MA: Não sei se você tem vivido aqui nos últimos anos, sim ou não?

Lourdes: Sim.

MA: Bom, tudo bem. Mas estamos num tempo de crise... mas do ponto de vista de mananciais. nós estamos em crise hídrica?

Participante: Sim

Lourdes: ...Brasil está todo?

MA: Não, não... hoje, hoje ...

Jonas: A impressão que eu tenho é ... não.

S.F.: A impressão que eu tenho é não.



Participante-atriz: A impressão que eu tenho, quando olho para rio como esse, que corta a cidade e vejo um rio dessa forma, eu acho que ele é a própria crise. Entendeu? Ele é a própria foto da crise. Quando a gente compra garrafa plástica é a própria foto da crise, e aí vai. Então para mim, a gente está em crise porque a gente sempre esteve em crise quando surgiram as destruições dos rios. A crise é estável.

Lourdes: Eu acho que está sim.

MA: Os nossos mananciais estão mais baixos hoje do que do ano passado e vejam a quantidade de chuva...

Jonas: El niño...

MA: que nós tivemos esse ano. É, a porcentagem de água do Cantareira hoje, hoje, no dia de hoje, é menos de cinquenta por cento (50%), está quarenta e poucos por cento. Está menos que o ano passado. No ano passado, nessa época do ano, a gente estava nessa época do ano a cinquenta e três por cento (53%), mais ou menos... deve ser. Cinquenta e três, cinquenta e dois... variava. Agora, gente está a baixo.

Ricardo: A Billings está a cem por cento (100%), né?

MA: A Billings... depende da onde e o que você está falando. A Billings não é todo o manancial. A Billings é o maior reservatório, éh, éhh... urbano do mundo, mas você não usa toda a Billings. Você não pode usar, porque tem metal pesado lá. De setenta (70), oitenta (80) anos ali, de toda a formação de tudo. Se você usa só, os braços assim, do entorno da Billings.

Ricardo: Só?

MA: Mas a gente está em crise pelo incrível que pareça, mas não está em campanha nenhuma...



S.F.: Nesse olhar pela bio... mas se a gente for dividir informação... não tem crise.

MA: Não tem, não tem...

Participante-atriz: Só tem crise quando falta água.

J.E.: Até porque, até porque quando você...

S.F.: Eu nem diria que só tem crise quando falta água, eu diria que só tem crise quando eles querem que tenha...

J.E.: É, até porque se tem crise, éhh... não se consome água. E não consumir água éh... algumas empresas não atingem, éh... os trimestres que elas prometem para os seus acionistas.

MA: E tem o que a gente chama também de o “desabastecimento oculto”. Que é a periferia de São Paulo, as periferias ... eu estou falando ... é aquilo que eu falei no começo. Eu não estou falando apenas de São Paulo, mas serve para todas as Regiões Metropolitanas do Brasil. Se você olhar os relatórios da ANA, e na periferia também está faltando água.

Ricardo: E outra coisa, não é falta de consciência dos governantes, viu? E não é falta de consciência dos governantes, é falta de vergonha. Para eles roubarem tanto e não pensar no que tem que fazer.

MA: Mas desculpa, mas vamos fazer também, vamos assumir a nossa responsabilidade. Se faltar luz agora aqui, vai ter alguém que vai ligar imediatamente para a Eletropaulo. Porque pega na pele da gente. Imediatamente. E vai ter alguém da Eletropaulo que vai responder: “Em duas horas a gente vai estar ligando a eletricidade para vocês”. Água tem isso? As pessoas assumem isso? Não, elas colocam um caixa de água. O Brasil é



um dos países, quase um dos únicos países que tem caixa d'água. Você vai encontrar caixa d'água e, Israel, mas por uma outra razão. Você tem a caixa d'água que esquentar a água para você tomar banho. Porque tem a água que não é água (aquecida por fonte) elétrica, é aquecimento solar.

Ricardo: Mas você tem a caixa d'água porque falta água.

MA: Mas a gente... virou a nossa cultura. A gente fez, a gente assumiu isto como uma coisa que é normal. Assim como ver mendigo na calçada para a gente é normal ... te toca? Mas, você passa. Você continua andando para o Metrô. Você continua a sua vida. A gente também faz a mesma coisa (com a água). Essa é uma responsabilidade cidadã. Isso é cidadania. Eu sei que estou tocando na ferida, a gente está dizendo que é o político, que é o prefeito, que é, mas é a gente. Sou eu cidadão brasileiro. Se isso acontecer na Alemanha, o alemão vai reclamar, se isso acontecer na Espanha, ou ... onde for, ou nos Estados Unidos, vai, terá reclamação. Agora, a gente está assumindo isso como que é...

Rosa: Por isso que é agir localmente. Será que eu, vc, se reclamarmos juntos nós...

L.S.: Eu estou vendo que essa conversa que estamos tendo aqui, nesse campo do conhecimento que é a Psicologia, ela é bem pertinente, porque como você falou... é Marcelo, né? Marcelo, é que ... ah, a gente reage não a partir da realidade, mas a partir da percepção que a tem. E isso é Psicologia. Então, eu quero falar não de água, mas de mineração, né? Minas Gerais, durante muitas e muitas décadas, a percepção do mineiro é que se a mineração acabar em Minas Gerais, Minas Gerais quebra. E isso é falso. A mineração hoje em Minas Gerais, ela responde ... ela não responde nem por vinte por cento (20%) do PIB do Estado. Mas sempre se vendeu a idéia que Minas é dependente da mineração, mas não é! Até hoje ... ontem a Federação das Indústrias de Minas Gerais fez um, apresentou um estudo apocalíptico! Se ... éhh, do desastre econômico que será se ... éhh, a mineração parar. Então, falando de centenas de milhares e milhares de empregos que vão ser perdidos, de receitas de impostos, de *royalties* que vão ser

perdidos, então, tentou a Federação das Industrias de Minas Gerais, ... pintou pior quadro possível para assustar a sociedade: “Não, não podemos viver sem a mineração. Então, éhh, com ela é ruim, sem ela é pior ainda. E não é verdade. Mas a verdade não importa, o que importa é percepção. Então, as pessoas têm essa percepção, mas, é claro, a mineração, de maneira estratégica, criou uma dependência para isso. Porque os *royalties*, os municípios, éhh ... convenientemente se tornaram mineiro dependentes, né? Porque, esses *royalties*, eles conseguem fazer muitas coisas, uma renda de municípios pequenos, que faz uma diferença enorme, então os municípios... se, eu, os comércios que vivem da mineração, então, todo mundo, falava bem da mineração. Ninguém queria que ela acabasse, até que morreram 300 pessoas. Bom, aí... agora, né? Todo aquele lucro que se dava para Brumadinho se transformou num desastre, numa crise sócio-ambiental, uma crise psicológica, né? Emocional, e numa crise financeira para o município. Então, mas as batalhas no campo do direito ambiental, da sustentabilidade, elas se ganham e se perdem na percepção. Se a gente não trabalhar isso, e a importância da psicologia para ela mostrar éhh... desmascarar essas falsas percepções...e, éhh ... através de campanhas, e trabalhos mesmo de conscientização. Mudança climática que o diga. Com tantas provas científicas e ainda tem gente que não acredita como se precisasse acreditar, né? Mas é preciso isso, ou seja, por isso que eu digo, a água para mim é saúde mental. Porque o que nós precisamos mesmo é mudar o pensamento. É de mudar, é de acordar, é de despertar dessa ilusão, de que estamos separados e de que somos independentes, né? Não somos independentes, somos todos interdependentes. Somos uma rede, né? De vida. Assim como a cultura Yanomami, nós somos uma rede viva. É preciso então despertar, éhh... mudar essa percepção, para que não tenhamos que aprender da pior maneira. Que é com morte, destruição, doença.

Lourdes: Nós temos, acho que você conhece o Parque Linear do Caxingui? Você já ouviu falar? Vem desde lá do Palácio (dos Bandeirantes), ele desce e chega aqui, quase próximo... ele termina praticamente ali na (avenida) Francisco Morato. Tá. Perto de casa naquele pedaço. Esse parque já era um parque. E já estava todo... lá, quando foi... o Haddad, no último dia que ele, lá no dia 31, lá. Ele assinou autorizando a construção... eu estava até procurando, aqui. O que eu estava olhando, era isso. Mas eu estava

prestando atenção. O Haddad assinou no último dia que ele ficou, ele assinou uma autorização para uma construtora erguer 5 torres naquele pedaço. Então, nós fizemos um baixo-assinado, correu assim muitos, você pega depois da sua mãe, para cá, ... e correu e estão construindo. Tinha, e foi tudo analisado: água, nascentes, águas não-poluídas, o rio, né? Não poluído, animais, ah... as plantas são da Mata-Atlântica, né? Ali não tem nada que foi replantado, natural... foi para o ministério público... tudo! Nós não conseguimos breicar. Já estão construindo. Então ... você fala, você que é da área, foi um absurdo. Nós estamos tentando entrar em contato com alguém para que pare, breique esse ... Porque ali, cinco torres, acho que são com cinco andares... não é isso? Acho que é uma coisa assim... cinco torres. E toda uma área completamente, foi tudo investigado, totalmente assim, preservado, tudo, mas realmente, a política, o dinheiro envolvido, nós não conseguimos...

Ricardo: Até o ministério público foi lá.

MA: Todos os jornais se mantêm pelo mercado imobiliário. Quando você abre o jornal, pega o Estado de São Paulo, a Folha de São Paulo, qualquer outro jornal, mas aí você abre os jornais, e você vai ter todos os grandes lançamentos. E há uma disputa por esses lançamentos. Se você fala mal de qualquer imobiliária, essa imobiliária (construtora), a imobiliária não vai vender o seu *merchandise*, a sua propaganda, e isso hoje é a manutenção hoje dos jornais brasileiros. Carro, mercado imobiliário e banco.

Jonas: Bem, gente, vocês viram que não é uma discussão, né, não é fácil fazer. Quando se fala de água, é um tema bem complexo que move muitas paixões, e sem dúvida nenhuma, Laffayette, eu acho que uma das questões aí, que a gente pode aí, pensar e encontrar alguns caminhos, são percepções. Mas acho que só é possível a gente, éhh ... conversar sobre a percepções com o intuito de mudanças a partir do momento que a gente junta várias pessoas para a gente poder é ... escutar outras experiências de vida, né? Outras experiências, outras relações com a água.



MA: Só uma dica, Jonas. O CRP poderia fazer isso sobre percepção. A *Ypissus*, que é uma das maiores consultorias de pesquisas, que trabalham com pesquisas no mundo, e em todos os países no mundo. Uma das pesquisas que ela faz é sobre percepção, e diversas percepções: percepção de violência, percepção de educação, percepção de segurança, e por aí vai. E talvez o CRP pudesse, não tem, na última pesquisa que fizeram, sobre essa percepção, do ponto de vista ambiental, ou, é, da segurança ou de sustentabilidade, tem que se pensar, como que a gente pode aí ... aí é o trabalho dos psicólogos, né? Estamos aqui. De pensar como deve ser feito essa pergunta e talvez, entrar em contato, e propor para a *Ypissus*, que tem uma pergunta ou que tenha um par de perguntas ali ...que fale sobre isso. Eu acho que seria muito interessante. Eles fazem isso... e por quê? Por que eles fazem isso? Não é que é de ... de graça, não. Tem o interesse porque isso é vendido depois para as empresas, para companhias e tal, mas isso de alguma forma volta para a sociedade.

J.E.: O problema, Marcelo, é quais vão ser os parâmetros dessas pesquisas? Então, é o parâmetro do Recôncavo baiano? Da Zona Sul de São Paulo? Sabe, baseado no direito? As referências Yanomamis? Qual é o parâmetro que a gente vai usar para fazer essa pesquisa para falar sobre percepção? Quem vai ditar as regras? Quem tem o direito de ditar as regras? Acho que o que a gente tentou fazer aqui hoje, foi pelo menos responder a uma pergunta: quantos somos? Quantas percepções existem? E agente tentar responder uma segunda pergunta: como fazemos para convivermos juntos? Essa foi a tentativa da proposta hoje aqui. Quantos somos? Quem somos nós? E como fazemos para vivermos juntos? Porque se a gente não conseguir através do diálogo, através da escuta e da gente se colocar no lugar do outro, e chegar a algum lugar juntos, construir esse caminho juntos, a gente vai estar atropelando. Colocando uma cultura em cima... uma versão de água, uma cultura em cima de outra. A gente vai estar colocando algo hegemônico sobr... populações novamente podem ser excluídas.

Lourdes: Jonas, posso falar uma coisa que aconteceu hoje?

J.E.: Eu preciso encerrar, tem...

J.E.: o Davi foi hoje lá na escola. E como teve dia 22 (dia mundial da Água), eles estão fazendo um projeto de água, tal. E o Davi deu uma aula magna, né? Aquela maravilhosa. E eu vi crianças de 3, 4 anos... quando ele falou da Mãe Terra, falou do cuidado, que ele deu exemplo da mãe física, mãe biológica, é a Mãe Terra que nos cuida, você tem que ver o resultado das crianças. Foi assim, algo interessante: “Não, eu vou chegar”; “Não, não pode fazer isso”; “Não pode...”. Mas foi assim, de uma compreensão tão... eu saí emocionada da escola. Eu não esperava o resultado que nós tivemos hoje, junto com as crianças. É muito interessante o seu comentário, Dona Lurdes, porque eu fui anotando algumas palavras que foram surgindo aqui, na fala do Davi, na fala do Lafayette, do Marcelo, do Zito e de outras pessoas que contribuíram, e com outros termos, a gente foi falando da mesma coisa, né? Água morta, água vid...água viva, sanidade mental, né? Os quadros, os mapas de violência, de degradação ambiental se sobrepondo, né? Cidades como desertos, né? Cada um foi falando com os seus termos de algo muito latente ... dos trabalhadores-escravos, que surgiu mais de uma vez aqui... da natureza tratada como coisa, as pessoas tratadas como coisa, né? E começou a dar uma união. Mesmo que nós tenhamos origens diferentes, é ... para algumas referências ... com aquilo que a gente lida, né? A unidade quis se estabelecer, né? E um ponto que a senhora trouxe, que o Lafayette trouxe, que o Davi trouxe, é o reencontro do ser humano, das crianças com a água, né, Zito? Ali onde se divertia com a bica, o tempo inteiro, né? Então, me parece que isso foi o diálogo possível entre a gente. Foram esses os pontos de convergências que eu acho que talvez... é a proposta ... é a Psicologia tentar fazer isso, dar voz para várias pessoas e tentar encontrar os pontos em comum para a gente pensar em alguma coisa juntos, construindo juntos ali, respeitando as origens de cada um, e os espaços de cada um.

Jonas: Bem, é uma conversar super difícil para vocês se em algum momento faltou algum direcionamento, alguma organização, tal. Mas queria dizer para vocês que fiquei bastante feliz com a conversa... espero transformar ela numa espécie de matéria para a gente poder editar ela na nossa revista. Bem. Muito obrigado a todos.



Conselho
Regional de
PSICOLOGIA SP